

Artigo Original

Educação física escolar e o contexto inclusivo: o que pensam os educandos sem deficiência?

Andréia de Carvalho Lopes
Marli Nabeiro

Departamento de Educação Física da FC/Unesp Bauru, SP, Brasil

Resumo: O estudo investigou a opinião dos educandos sem deficiência sobre os educandos com deficiência nas aulas de Educação Física. Pois, se a inclusão é para todos, esta parcela do Sistema Educacional precisa ser ouvida. Esta é uma pesquisa qualitativa com técnica de elaboração e análise de unidades de significado, realizada na Escola Estadual Carlos Chagas em Bauru que atende uma Educanda com deficiência, na Turma Regular da segunda série, onde foram entrevistados 18 alunos de ambos os sexos. Foi aplicado questionário semi-estruturado, para a análise da opinião da população. Verificou-se, que esta aluna participa das aulas com ajuda dos colegas, nunca atrapalhou a aula e o fato de tê-la na turma não afeta o andamento das atividades, nem dos conteúdos. Deste modo, conclui-se que os educandos estão reagindo positivamente à inclusão, todos declararam que gostam de participar das aulas de Educação Física e colaboram com a colega com deficiência.

Palavras-chave: Educação Física. Inclusão. Opinião dos alunos sem deficiência.

Scholar Physical Education and the inclusion content: What students without deficient think about?

Abstract: The present study investigated about young students without deficiency opinions of students with deficiency in the General Physical Education class. If the inclusion is for all, this part of the Educational System needs to be heard. This is a qualitative research elaborated with the technique and analysis of units of meaning, realised in the State School Prof. Carlos Chagas in the city of Bauru. Were interview 18 students, male and female, of a regular class of second grade of this school, where there was a schoolgirl with deficiency. The population opinion analysis was made by the application of a semi-structured questionnaire. Was verified that this schoolgirl, with the help of friends, participated all the classes and had never affected the class, the lessons or the subject of the lessons. There for, was concluded that the students are positive responding to the inclusion, all students declared enjoying the Physical Education classes and assisted his friend with deficiency.

Key Words: Physical Education. Inclusion. The students' opinion without deficiency.

Introdução

Inclusão

A Educação Especial no Brasil teve maior atenção desde a década de 90, sendo amparada legalmente pela Lei 9394, capítulo V (Art. 58, 59 e 60) de Diretrizes e Bases na Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996. Entretanto, é possível perceber que práticas educacionais especiais não estão atendendo adequadamente a legislação, tampouco as reais necessidades de crianças com deficiência (GLAT; FERREIRA, 2003).

É notável uma reformulação das práticas educacionais inclusivas, apoiadas na LDB, Capítulo V, Art. 59, que esclarece a importância e a necessidade dos sistemas de ensino oferecer “atendimento especializado, bem como

professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns”. Uma vez implantadas estas leis no país, o que se verifica na maioria das instituições de ensino regular é um evidente despreparo nas práticas educacionais para atender a demanda exigida (MAUERBERG-DECASTRO, 2005). Não ocorreu diferente com a área de Educação Física, que encontra suas dificuldades em razão da não-adaptação arquitetônica e pedagógica das escolas em geral (O acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular, 2004). Então ao se pensar em corpos com deficiência, certamente a escola é o foco da atenção, e a Educação Física é o âmago das reflexões propostas (GAIO; PORTO, 2006).

Neste cenário educacional brasileiro, levantam-se algumas questões: O que pensam

os alunos sem deficiência, sobre seus colegas com deficiência, nas aulas de Educação Física? Terão desejo de rejeitá-los, integrá-los ou estarão exercitando o ato da dissimulação? Quando há aceitação, a discriminação é posta à margem, ou é apenas velada? Como estará trabalhando estas questões, o profissional de Educação Física? Será que a discriminação e/ou preconceito, se instalam ou estão diluídos, nos ambientes que congregam: os jogos, a recreação, a dança e o esporte, implícitos na área de Educação Física? Será que compomos um quadro significativo de pessoas embaçadas de valores éticos e morais, ou o ambiente escolar reúne pessoas congeladas, e ainda, resistentes a exercitar o espírito de cooperação, solidariedade e justiça, preceitos de um cidadão pleno?

Dados de referências na Educação Física Adaptada (área de estudos da Educação Física que pesquisa atividades físicas e esportes para pessoas com deficiência) indicam o enfoque na inclusão por parte dos professores, da família e do próprio deficiente no Sistema Educacional Brasileiro, mas pouco ou nada se publicou sobre a visão dos alunos sem deficiência sobre a questão da inclusão, nas aulas de Educação Física Escolar. Se a inclusão é para todos, por que esta parcela do Sistema Educacional ainda não foi ouvida? O educando tem direito de opinar sobre a inclusão? Será que os alunos sentem que as aulas de Educação Física ficam prejudicadas, melhoram, ou nada é modificado, nesse contexto? Como eles (alunos sem deficiência) lidam com as diferenças?

Amparando o que foi exposto, são apresentados três (03) dados empíricos, levantados por meio de observação de relatos, na cidade de Bauru. O primeiro se deu no Ensino Fundamental I, em uma Escola da Rede de Ensino Privada, nas aulas de Educação Física. O professor responsável propôs atividade competitiva para uma classe em que havia a presença de um aluno com paralisia cerebral. Notou que na atmosfera da competição e da largada, o aluno sem deficiência, aguardou o colega com deficiência com alguns gestos (de comportamento motor¹), sem nunca terem abordado o assunto em sala.

O segundo e o terceiro relato partiram das aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I da Rede Pública Estadual. No primeiro caso, o professor também aplicou atividade competitiva, e na composição da equipe havia uma aluna com deficiência auditiva. Durante o jogo, uma das alunas, lançava, insistentemente, várias ofensas à colega com deficiência, não apenas verbal, também, por meio de gestos, ameaçando, com frequência, arremessar a bola, no aparelho auditivo da colega, sua parceira de jogo. O professor não se manifestou nem favoravelmente, nem contrariamente a essa atitude, agressiva, preconceituosa e discriminatória. O segundo caso envolve disputa entre os colegas de classe para saber quem seria o tutor responsável por uma criança usuária de cadeira de rodas, que era muito querido por todos. Para minimizar a situação, a professora organizou uma lista com datas e nomes de crianças para que todos tivessem a chance de interagir.

Diante desses episódios, observados empiricamente, no cotidiano escolar, somando-se a isso o cenário em que se encontram as práticas do Sistema Educacional Brasileiro, verifica-se a urgência em se estudar cientificamente o contexto escolar na visão dos envolvidos, de modo que sejam asseguradas as mudanças de idéias e práticas para uma sociedade inclusiva.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho foi avaliar valores e crenças, através do comportamento verbal, dos educandos sem deficiência sobre os educandos com deficiência no cotidiano das aulas de Educação Física Escolar sobre o tema: Inclusão Escolar.

Os objetivos específicos foram: questionar os educandos do ensino regular sobre o colega com deficiência e sobre o processo da inclusão; analisar qual o impacto da educação física inclusiva para os educandos quanto aos aspectos positivos e negativos da inclusão; relacionar o conteúdo da fala com questões da diversidade humana, da inclusão escolar e da inclusão social.

Inclusão e Educação Física

[Aranha \(2001\)](#) destaca que o processo histórico da deficiência, física, sensorial e mental, não pode ser negado, tão pouco ignorado, é preciso conhecê-lo para que seja possível sua

basquete; e somente, após a concretização da tarefa, arremessou a sua bola ao cesto

¹ *Tais como: esperou-o na preparação da atividade; diminuiu o tamanho das passadas e a velocidade da corrida; e ofereceu a primeira jogada e esperou-o jogar a bola; aguardou a tutora de seu colega arremessar a bola, para acertar a cesta de*

compreensão. Em outra publicação de [2004](#), ainda cita que as pessoas com deficiência têm sido segregadas, excluídas dos espaços comuns na vida da comunidade, durante toda história da humanidade. Essa segregação foi ratificada com as ciências e campos de conhecimento afins, incluindo a Educação Física.

Historicamente, a Educação Física, enquanto campo de conhecimento também recebeu influências da forma de se pensar e ver o mundo. Vários são os momentos pelos quais ela passou. O primeiro se configurava na tentativa de resolver os problemas de saúde pública, objetivando disciplinar os hábitos das pessoas. Depois, em outro período, visaram impor a sociedade, padrões de comportamento estereotipado que era própria do regime militar, com o objetivo de elevar à nação a condição de servidora e defensora da pátria ([GHIRALDELLI JUNIOR, 1997](#)). Definindo, certamente, padrões físicos e de comportamentos que suprimia a participação de pessoas com padrões “disfuncionais”, tendo em vista a ênfase no desempenho atlético ou rendimento físico.

Essas práticas segregacionistas supracitadas acabaram por prejudicar tanto as pessoas com deficiência quanto as sociedades, pois as excluindo em ambientes segregados, fortaleceu-se e concretizou essa rejeição ([STAINBACK; STAINBACK, 1999](#)). Assim sendo, a deficiência era vista segundo [Porto e Gaio \(2002\)](#), como corpos biológicos incompletos quanto ao funcionamento cognitivo, sensorial ou motor. E, de acordo com [Carmo \(1991\)](#), estava ligada a alguma anormalidade do padrão pré-estabelecido pela sociedade, um rótulo que é dado ao indivíduo que a apresenta, devido a sua diferença. [Fonseca \(apud SILVA, 2006\)](#) também fala desse rótulo, em que o indivíduo recebe com a categorização de incapaz. E essas e outras definições perduram durante o tempo.

Mas com a mudança de paradigma da exclusão para a inclusão, a definição de deficiência é re-significada, pois “independente do conceito, é imprescindível, mais do que qualificar uma pessoa, verificar todas suas potencialidades” ([MILANI, 2004 p.16](#)). A autora deu uma importante contribuição a essa questão da definição e qualificação da pessoa com deficiência.

Segundo [Richineli \(2007\)](#), o momento é esclarecer a deficiência como simplesmente

diferença. A aceitação do diferente é fundamental para que tudo possa ser construído e estabelecido, e as diferenças devem ser consideradas a partir das possibilidades da troca de experiências e aprendizagem ([AMARAL, apud RICHINELI, 2007](#)). Segundo [Gaio e Porto \(2006\)](#) a temática atual é ser diferente, visto isso na perspectiva da diversidade humana. As diferenças devem ser encaradas como positivas e fundamentais na construção da identidade social dos seres humanos, com reconhecimento nas capacidades, acreditando-se na superação quando se há oportunidade.

Todavia, a inclusão social das pessoas consideradas deficientes só poderá ser efetiva se houver medidas sócio-educativas para tal, além de recursos materiais e humanos. E uma das dimensões do processo de inclusão social é a inclusão escolar, que consiste num conjunto de políticas, públicas e particulares, de levar a escolarização a todos os segmentos humanos da sociedade, com ênfase na infância e juventude. Nesse contexto, recebem atenção especial, a inclusão de pessoas com deficiências (físicas, sensoriais ou mentais) nas escolas regulares, o ensino voltado para a formação profissionalizante e a constituição da consciência cidadã ([CONTEÚDO ESCOLA, 2004](#)).

A inclusão escolar é acolher o educando independentemente de suas limitações ou dificuldades, para que todos possam participar juntos da vida escolar ([RICARDO, 2005](#)), envolvendo não apenas os recursos materiais, mas também uma reformulação da proposta pedagógica, e das crenças e valores sobre as pessoas, para que elas cooperem a fim de proporcionar a aprendizagem ([MAUERBERG-DE CASTRO, 2005](#)).

A inclusão não é algo para alienar as diferenças individuais, diz [Stainback et al, \(1999\)](#) o objetivo é criar uma comunidade para que todos possam trabalhar e aprender juntos de forma mútua. Assim compreendem-se a inclusão como atitude de se respeitar às diversidades, e entender e reconhecer as individualidades ([CAMPOS et al. 2005](#)).

A inclusão escolar nas aulas de Educação Física, vai além da percepção real de se sentir incluído ou não, que é sentida nas situações de ganhar ou perder, a vivência do jogo, a cooperação, independência, mediadas pelo Professor de Educação Física, responsável pela transmissão de valores, novas maneiras de

pensar e padrões de comportamento. Mas há também a sensação de bem estar e o sentimento de autonomia por conseguirem realizar movimentos que antes não faziam, ou simplesmente fazer os movimentos devido à oportunidade dada a eles, na qual gera o sentimento de enfrentar um desafio e dominar uma nova habilidade ([GUARAGNA et al, 2005](#)).

O benefício da inclusão para os educandos

No contexto da Inclusão Escolar, o que se percebe na prática é uma divergência de opiniões. Os que vão contra o movimento pela inclusão, relatam que dentro de um ambiente inclusivo, os alunos com deficiência podem receber menor atenção e passar menos tempo realizando as tarefas do que seus colegas sem deficiência, sem falar dos professores que não tem interesse nem preparo ou motivação de ensinar em ambientes inclusivos. Na educação física regular, eles acreditam que os alunos sem deficiência terão seu desenvolvimento educacional prejudicado ([WINNICK, 2006](#)).

Entretanto essa não é uma verdade irrevogável, apesar de sabermos que a opinião acima existe no âmbito escolar, também encontramos outras realidades que mostrarão os benefícios da inclusão tanto para o aluno com deficiência quanto para o aluno sem deficiência.

No estudo de [Mendes et al, \(2003\)](#) eles buscaram responder questões de um programa de televisão que levou ao público o caso de um aluno com deficiência que foi rejeitado pela escola particular por causa das suas características. Foram feitas por telespectadores 62 questões sobre o tema inclusão, sendo que questões sobre a possibilidade de aprendizagem e socialização, contemplaram 19% das questões. Isso, segundo o autor, demonstrou a preocupação com a influência da presença do educando com deficiência sobre os sem deficiência.

Acreditando na inclusão, os partidários pelo movimento apontam vários benefícios para os alunos, acreditando que a inclusão deve ser implementada por proporcionar aos alunos um ambiente mais motivante e estimulante, além de oferecer melhores oportunidades para que os educandos com deficiência desenvolvam habilidades sociais e lúdicas adequadas à idade. E ainda, facilita as relações de amizade entre os

com e sem deficiência, ainda que um aluno com deficiência não assimile todo o conteúdo curricular da educação regular ([STAINBACK; STAINBACK, 1999](#)).

Somando-se a isso, os modelos de conduta apresentados serão úteis para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de habilidades em todas as áreas do desenvolvimento. Resumidamente, os defensores acreditam que a educação inclusiva é a melhor forma de educação ([WINNICK, 2006](#)).

Segundo [Strully e Strully \(1999\)](#), as questões de amizade e de educação de qualidade não são mutuamente excludentes e, na verdade, uma não pode ocorrer sem a outra, logo a amizade é um benefício mútuo, não funciona simplesmente para o aluno com deficiência, mas também para o sem deficiência. [Mauerbeng-deCastro \(2005\)](#) vai dizer que fazer amigos é dizer quem são um para o outro e assim as pessoas se conhecem, pois terão a oportunidade de se criar um vínculo.

Segundo [Stainback e Stainback \(1999\)](#), a inclusão funciona para todos os alunos com e sem deficiência, quando existem programas adequados mediante ações positivas, pois ocorrerão ganhos nas habilidades acadêmicas e sociais e de preparo para a vida em sociedade. As atitudes positivas, segundo os autores, são ações em ambiente inclusivo que são orientadas por adultos, onde há a facilitação da interação e comunicação entre os alunos, ajudando o desenvolvimento de amizades e trabalho com os colegas. Dessa forma, os alunos aprenderão a ser sensíveis, a compreender, a respeitar e a crescer confortavelmente com as diferenças e as semelhanças individuais entre seus pares.

De acordo com [Pacheco \(2007\)](#), não se pode apenas inserir o aluno com deficiência dentro da escola regular, tendo acesso à educação formal, deve-se antes de tudo promover uma interação social entre todos os alunos, e isso vai além da escola, pois a essência da educação inclusiva é integrar todos os alunos na vida social dentro e fora da escola. Logo o grupo todo se beneficiará da inclusão se todos os alunos fizerem sua parte.

No recente estudo dos autores [Block e Obrusnikova \(2007\)](#) acerca da inclusão na Educação Física Escolar, nos últimos dez anos, foi constatado que as crianças sem deficiência desempenham funções críticas no sucesso da inclusão. Os autores abordam a teoria do comportamento planejado, onde colegas com

posturas favoráveis à inclusão, compreensivos da importância dos outros (professores, pai e colegas) e tendo perspectiva de incluir e os que expressam sentimentos sobre o processo da inclusão, são os mais prováveis em ter intenções em incluir o aluno com deficiência na educação física geral.

Outra teoria que o autor aborda é a Teoria do Contato, que diz que os preconceitos podem ser reduzidos na medida em que há o nível de contato com grupos minoritários. Um estudo de [Murata \(2000\) citado por Block e Obrusnikova \(2007\)](#) corrobora que os alunos sem deficiência a princípio estavam céticos e temerosos a inclusão, mas esses sentimentos mudaram com o passar do tempo, devido às intenções positivas com os colegas com deficiência. A interação social entre todos foi encorajada pelo professor de educação física, todos os encontros foram agradáveis e recompensatórios, as situações de contato envolveram cooperação, e não competição, e os indivíduos tiveram a oportunidade de desenvolver relações de amizade. E os autores relataram ainda sobre diversos estudos onde analisava a postura dos alunos sem deficiência diante dos alunos com deficiência, e no geral quando bem tratados, os alunos tem se mostrado muito receptivos e bem intencionados, entretanto o autor destaca que as mulheres tem tido atitudes mais positivas quanto à inclusão, mas relata que após o contato os homens mostraram mudanças significativas.

Aprender através do exemplo é a razão mais importante para o ensino inclusivo, onde o aluno aprenderá valores sociais da igualdade, que apesar das diferenças que é algo existente e importante, todos nós temos direitos iguais, e a inclusão reforça a prática de que as diferenças são aceitas e respeitadas ([STAINBACK; STAINBACK, 1999](#)).

No trabalho de [Stainback e Stainback \(1999\)](#), três pais cujos filhos sem deficiência freqüentaram a escola regular inclusiva, fazem importante depoimento sobre o benefício da inclusão para seus filhos, dizendo que a inclusão ampliou e aprofundou o conhecimento de seu filho sobre a diversidade humana. O que trouxe a tona um senso de responsabilidade de ser humano útil. Outro pai diz que seu filho sabe da diferença entre ele e a criança com deficiência, mas ele aceita isso como uma diferença, não como algo que deva temer ou depreciar. E o

terceiro pai relata que seu filho não sabia a diferença de uma criança com deficiência mental e quando o pai explicou, ele disse não se importar em estar na mesma classe.

Entretanto para [MauerbengdeCastro \(2005 p.436\)](#) quem sai ganhando com a inclusão são tanto os alunos com deficiência como os sem deficiência, conforme quadro abaixo:

Estudantes com deficiência	Estudantes sem deficiência
Aprendem a apreciar a diversidade humana.	Aprendem a apreciar a diversidade humana.
Adquirem experiência direta com a variedade das capacidades humanas.	Reconhecem que o medo e o preconceito emperram a cooperação e a tolerância social.
Demonstram crescente interesse, responsabilidade no trabalho cooperativo. Dominam o conteúdo acadêmico em contextos mais realistas.	Adquirem grande senso de responsabilidade social e assumem atitudes politicamente corretas em diversos níveis, não só em relação à deficiência.
Tornam-se mais independentes na vida adulta: entendem e advogam que são diferentes, mas não inferiores.	Assumem papéis sociais inspirados nos direitos humanos; reconhecem conseqüências preconceituosas do dia-a-dia.
Tornam-se ativistas e sabem reivindicar seus direitos; reconhecem os direitos humanos de outras minorias.	Tornam-se mais maduros e mais conscientes. Entram na vida adulta com valores menos volúveis; desenvolvem atitudes e princípios mais coerentes.

Fonte: MauerbengdeCastro (2005, p.436)

Métodos

O presente estudo tem natureza empírica. Caracterizada por um pesquisa qualitativa ([Severino, 1990](#)), com a finalidade descritiva e explicativa, que utilizou da técnica de elaboração e análise de unidades de significado. Segundo [Moreira et al. \(2005\)](#), é uma técnica já utilizada há treze anos que consiste nos momentos de relato ingênuo, identificação de atitudes e interpretação, onde pretendemos abordar sobre a Inclusão, com enfoque nas opiniões do aluno **sem deficiência** sobre o **aluno com deficiência**, ambos os

personagens do ambiente da Educação Física Escolar.

O âmbito da pesquisa foi a Escola Estadual Dr. Carlos Chagas, Bauru-SP, que atende 1 Educando **com** deficiência física (espina bífida), na Turma regular, e possui um Professor de Educação Física com curso de especialização em Educação Física Adaptada.

A população estudada é de alunos **não deficientes** (Tutores e Não-Tutores), com faixa etária diversificada que varia dos sete (07) aos nove anos (09) e dos sexos masculinos e femininos, que compõem a 2ª série do ciclo I do ensino Fundamental. Fez parte da amostra dessa pesquisa 18 alunos de um total de 31.

Para que a pesquisa fosse desenvolvida, a realizamos em etapas, revisão da literatura, com uma bibliografia relevante para fundamentar as questões levantadas na Introdução, Justificativa e Objetivos deste trabalho, seguida do projeto piloto onde foram entrevistados 11 alunos da segunda série, com entrevista semi-estruturada.

A primeira etapa constou de um levantamento bibliográfico amplo; na segunda etapa, fomos a campo, para o início da coleta de dados para realização do projeto piloto, para qual utilizamos instrumentos facilitadores que fundamentam e registram as questões já explicitadas, são eles: fotografias, entrevista semi-estruturada, e gravação da entrevista, para analisarmos o ponto de vista da população observada, bem como os cuidados pertinentes e de exigência do Comitê de Ética Científico (cessão de direito de imagem para a exposição dos dados; o consentimento das lideranças dirigentes – acesso à escola – e, dos pais ou responsáveis).

A segunda etapa consistiu na aplicação e reavaliação do projeto piloto, tendo em vista que entrevista semi-estruturada de onze (11) perguntas estava muito extensa e cansativa. Assim, na terceira etapa, optamos em fundir algumas questões e a entrevista ficou com oito perguntas, contudo o gravador inibia os alunos, e os mesmos não falavam apenas faziam gestos com a cabeça como sinal de afirmação ou negação, e a coleta de dados voltou ao modelo inicial que era o de questionário e finalmente a quarta etapa foi à análise e discussão dos resultados.

Resultados e Discussão

Com o objetivo de analisar o que pensam os educandos sobre a inclusão, foi elaborado um questionário semi-estruturado contendo oito perguntas, a saber: a) Você gosta da aula de educação física? B) Todos participam da aula de educação física? Por quê? C) Quando você olha para seus colegas acha que são todos iguais ou diferentes? Por quê? D) seu amigo com deficiência participa de todas as aulas de educação física? Você o ajuda? e) Você acha que um aluno com deficiência pode participar das aulas de educação física? f) você acha que ele atrapalha você durante suas atividades? g) durante as aulas você se sente prejudicado quantos as atividades (jogos e brincadeiras)? Você acha que as atividades mudaram? h) Como você gostaria de ser tratado durante as aulas, se você tivesse alguma deficiência?

Essas questões foram elaboradas com a intenção em verificar junto aos alunos respostas sobre; a) o gosto pelas atividades corporais; b) qual a motivação dos alunos para participar das aulas; c) como eles vêem a diversidade humana; d) se há inclusão na turma deles; e) se a eficiência já ocupa o lugar da deficiência; f) o quanto à deficiência ainda esta presente; g) como estão sendo trabalhados os conteúdos da educação física; h) se a inclusão proporcionou a humanização dos alunos.

Quanto ao gosto pelas aulas de educação física obtivemos o resultado de 100% sim, com claras expressões de satisfação pelas aulas e pelo professor, pois ao observar o professor desde sua chegada a porta da sala de aula, era grande a agitação e a excitação de turma para realização das atividades da aula. Quanto à amostra que colhemos quanto qual era a atividade preferida, 50% relataram gostar de pular corda, 28% jogos com bola, 11% pega-pega, 5.5 % vôlei e 5.5 % basquete. De acordo com os resultados desta pergunta ficou claro o prazer pelas atividades corporais, e o professor tem feito seu papel de além de educador, também um motivador, pois tem utilizado atividades bastante variadas para os educandos.

O intuito em perguntar se todos participavam das aulas de educação física e o porquê, era saber se o aluno com deficiência participava das aulas de educação física, e se os alunos percebiam o que ocorria além das atividades de

aula. Os alunos se mostraram muito observadores, e nos relatou até o fato de uma aluna com problemas cardíacos não participar das aulas. Contudo é importante observar que essas respostas são de acordo com a visão dos alunos no seu cotidiano, logo o número de participantes apresentado não é fixo em todas as aulas, mas de acordo com os educandos 61% participam das aulas, e eles disseram o porquê; 28% porque gostam, 16.5% justificaram a importância do brincar, 5.5% declarou que os meninos fazem física e as meninas brincam, 5.5% falou que é por que o professor manda e 5.5% declarou que tem que participar. Os outros 39% que disseram que nem todos participam da aula declararam que: 11.1% disseram que tem gente que tem problemas cardíacos e não pode correr, 11.1% disseram que uns não querem e não sabe por que, 5.6% disse que alguns ficam de castigo, 5.6% tem uns que as vezes querem ficar com a professora, 5.6% por que não terminaram a tarefa e não podem sair.

Como vimos nesta questão a aluna com deficiência nem foi mencionada, já que ela participa das aulas, logo a aluna com problemas cardíacos foi citada por 11.1% dos alunos pelo fato de não participar.

Esta respostas deram uma perspectiva otimista para a inclusão, pois de fato os alunos se mostraram receptivos a inclusão.

Apesar dos alunos da segunda série não terem a concepção teórica sobre a diversidade humana, eles compreendem o igual e o diferente, e quando perguntamos a eles se acham que seus colegas são iguais ou diferentes e o porquê; 72% afirmam que são todos diferentes e falaram o porque, onde 16.7% das afirmações foram quanto as diferenças físicas como cor de cabelo, pele e até moda, 16.7% diferenças cognitivas como não saber ler ou brincar, 11.1% não sabe em que, 5.5% diferenças sociais como não ter material escolar, 5.5% mencionou o comportamento como o jeito de ser, 5.5% por que não é igual, 5.5% por que sim “nos somos diferentes em tudo” 5.5% alegou não saber responder essa questão. As crianças que disseram que somos iguais foram 28%, 11.2% por causa do comportamento e falou que eles são calmos e obedientes, 5.6% alegou que a professora de sala diz que todos são iguais por que não fazem a tarefa, 5.6% por que sim e 5.6% falou que todos são inteligentes.

Quanto a diversidade humana, [Tolocka \(2006\)](#) corrobora em seu trabalho que o professor tem se mostrado alienado quando a diversidade humana e as diferenças. Entretanto, mediante os resultados encontrados na visão dos alunos, a qual julgo muito positiva e evoluída, creio que esse professor tem feito seu papel de educador. Pois os alunos se mostraram conscientes quanto às diferenças e vivem harmonicamente entre eles como observado, pois o importante é reconhecermos as diferenças e respeitá-las acima de tudo.

Pois, “A diferença é um valor e traz consigo uma proposta de mudança na sociedade” segundo [Tolocka \(2006 p.177\)](#).

Mesmo perguntando se todos participam da aula de educação física, houve a necessidade de ser objetiva e perguntar se a aluna com deficiência participa das aulas de educação física, 78% disseram que sim, 11 % às vezes e 11% que não. Dos alunos que disseram que sim que a aluna participava de todas as aulas, 44,57.7% disse que a ajudava, 11% disse que não ajudava, e sobre essa questão surgiram relatos como, ela participa porque gosta, ou porque tem que brincar, relatou ainda que ela brinca de pega-pega , vôlei, esconde-esconde, outros disseram que não a ajudava porque ela corre sozinha, ou por que tinha dia que não queria brincar, outros ajudam ainda dizendo que o professor escolhe cada dia uma pessoa para ajudá-la.

Dos 11% que disse que a aluna participava às vezes: 5.5% disse que ela fica conversando com as meninas e não faz aula, 5.5% a ajuda e, outros 5.6% ajuda em algumas aulas. Os 11% que disseram que ela não participa: 5.5% declarou que era por causa da cadeira e 5.5% o outro não justificou.

Essa questão confirmou a pergunta de número 2, pois reafirmou a inclusão de todos na aula de educação física, e mostrou que o professor tem utilizado estratégias para que isso ocorra, como a escolha da atividade e escolher quem vai ajudar cada dia.

Querendo saber como os alunos encaram a deficiência quanto eficiência, foi perguntado se eles acham que um aluno com deficiência pode participar da aula de educação física. Como resposta 89% disseram que sim, e o interessante foi que 23.5% deles disseram ela pode fazer aula por causa da cadeira de rodas, isso mostrou que a cadeira para eles não é um empecilho e sim

uma ajuda, 17.8% disse que ela pode, 17.8% disse que alguém pode ajudá-la, 5% disse que ela pode mais tem coisas que são difíceis, 5% disse que dá pra ela fazer as coisas, 5% que ela gosta por que é legal, 5% que ela não pode ficar parada, 5% disse que ela faz quase tudo, e finalmente 5% declarou que ela faz quase tudo só não joga futebol, mas as tarefas que o professor dá, ela faz. Os 11% que relataram que a aluna não faz aula: 5.5% falou no por causa da cadeira de rodas 5.5% falou comentou achar que ela não pode fazer a aula, mas mesmo assim ela faz.

A partir deste questionamento, vemos que a Eficiência em breve ocupará o espaço da deficiência, pois desde pequenos as crianças já estão construindo outra imagem das pessoas com deficiência, que é formada pelas potencialidades e não pelas incapacidades.

Quando perguntado aos alunos se eles se sentem atrapalhados pela aluna com deficiência na aula de educação física, os educandos foram unânimes, os 100% disseram não ser atrapalhados, logo a deficiência física não representa uma barreira para aula de educação física desta turma. Para Educação Física essa é uma constatação muito importante. [Block e Obrusnikova \(2007\)](#) dizem que uns dos argumentos contra a inclusão é o medo dos alunos com deficiência diminuir ou alterar significativamente a aula, e como vimos isso não ocorreu na Escola Estadual Dr. Carlos Chagas e os autores falam que outros estudos não deram sustento para essa afirmação.

Ainda investigando o cotidiano da educação física escolar, e buscando averiguar a qualidade das aulas, a próxima questão averiguou como vêm sendo trabalhados os conteúdos da educação física, a pergunta foi se os alunos se sentem prejudicados quanto as atividades (jogos e brincadeiras) e se eles achavam que as atividades mudaram, ao fazer essa questão foi deixado bem claro para os educandos se eles achavam que tinha mudado por causa da aluna com deficiência, e os resultados encontrados foram 100% declararam não se sentirem prejudicados, 78% disseram que as atividades não mudaram, sendo que 22% disseram que mudou, mas as mudanças para minha surpresa foi positiva as quais serão descritas na integra, “ a aula muda, pois cada dia tem que fazer coisa diferente, e todo mundo tem que fazer as coisas”, “não me sinto prejudicado , mas as brincadeiras

mudam”, “ ele mudou as atividades tem umas mais legais”, “ ele mudou as atividades se não, não tem como a participar, nem eu”.

De acordo com os relatos acima, observamos que as aulas de educação física mantiveram o caráter educacional e acima de tudo lúdico, para a segunda série, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, e a inclusão não representou nenhuma barreira quanto aos conteúdos da educação física, pelo contrário apenas o enriqueceu.

Essa última questão foi para saber como a inclusão esta afetando os educandos, para obter essa resposta a melhor forma que encontramos foi perguntar como eles gostariam de ser tratados durante as aulas se tivesse algum deficiência. Obtivemos 89% das respostas com pensamentos positivos e valores sociais bem distintos como respeito e amizade, e as relações de afeto citada foram carinho, ser bem tratada e de forma legal, e a cadeira de rodas foi mais uma vez citada como um facilitador para realização das tarefas. Alguns alunos declararam “queria andar de cadeira de rodas, jogar bola e brincar de vôlei”, “queria andar de cadeira de rodas e que me perguntassem se eu queria ajuda”, as crianças destacaram a preocupação quanto a companhia para brincar, sendo que 22.2% destacaram que queria que alguém brincassem com elas.

Alguns alunos vêm à deficiência como mecanismos de protecionismo, pois declarou que se fossem deficientes a Professora (de sala) não brigaria com eles, de fato a exigência da Professora em relação as tarefas era alta, o que demonstra interesse em ensinar por parte dela.

Entre os pesquisados 11% dos educandos abordaram pensamentos negativos como: seria ruim para brincar, se alguém mexesse comigo, eu no poderia me defender.

Contudo mesmo sendo visões do lado negativo da deficiência, esses alunos se mostraram conscientes das dificuldades encontradas por pessoas com deficiências, e essas crianças com esse ponto de vista podem ser importantes facilitadores do processo da inclusão, pois durante as aulas elas se mostram muito solícitas a colega com deficiência.

Conclusões

Ao final desse estudo sinto-me satisfeita em saber qual a opinião dos educandos quanto ao tema Inclusão, a inquietação inicial foi sanada a partir de estudo próprio, pois na literatura ainda não encontrei estudos que valorizassem o ponto de vista do aluno.

Entretanto [Block e Obrusnikova \(2007\)](#) na conclusão de seu trabalho intitulado “Inclusão na Educação Física: uma revisão de literatura de 1995 a 2005”, finalizou seu texto sentindo a necessidade de também saber como se sentem os alunos com e sem deficiência diante das adaptações advindas com a inclusão.

As questões abordadas na pesquisa abrangeram as dúvidas iniciais como dissimulação, aceitação, discriminação e a vaidade política, contudo constatei que na Escola Estadual Dr. Carlos Chagas na segunda série não é isso que ocorre, pois o desejo de incluir é sincero, e inclusão ocorre de fato por parte do professor e dos alunos, e isso é um fato, não um projeto.

Mas vale acrescentarmos algumas considerações sobre tais afirmações, pois sabemos das atuais dificuldades para a inclusão.

Acredito que primeiramente a inclusão é efetiva e eficiente devido às atitudes positivas do professor quanto à inclusão, pois o Professor de Educação Física desde a graduação se empenhou em estudos na área de educação física adaptada, fez especialização na área, trabalhou com alunos com deficiência em instituição, e como professor iniciante em Escola do Estado se mostra motivado a desenvolver um bom trabalho e isso se vê através da postura profissional e do compromisso com a educação.

A segunda consideração é o fato da maioria das crianças estarem acostumadas a estudar em uma sala inclusiva, pois desde a primeira série elas têm turmas compostas por alunos com e sem deficiência, sendo no ano anterior uma aluna com deficiência física e outra com deficiência visual, então a diversidade humana é algo que faz parte do cotidiano escolar delas.

E a terceira consideração é sobre a idade dos alunos, pois [Block e Obrusnikova \(2007\)](#) em seus trabalhos constataram que crianças em séries iniciais é mais fácil trabalhar a inclusão na educação física, do que alunos adolescentes ou

em séries finais na escola, segundo os professores. Enfim, a idade pode ser um fator que colaborou para o bom andamento, dos resultados encontrados, entretanto sinto a necessidade de estudos sobre a opinião dos alunos das séries finais como o nono ano do ensino fundamental e ensino médio, para também sabermos a opinião deles.

Mas a princípio como resultados, vejo que foram todos positivos e contribuimos para a educação física inclusiva, trazendo novas informações e quebra de mitos como “a aula de educação inclusiva fica mais fraca para os alunos sem deficiências”, além de divulgar como anda o trabalho sobre a formação do educando dentro da realidade da diversidade humana.

Contudo a educação física ao trabalhar a diversidade humana não é ingênua em acreditar que só ela pode resolver os problemas das desigualdades. Os professores de educação física entendem o sistema do modelo econômico e a necessidade de se manter as desigualdades devido ao capitalismo, mas nós não podemos somente manter um discurso bonito, o importante é que haja mudanças, de acordo com [Tolocka \(2006\)](#).

E a autora diz ainda que, é necessário procurar o convívio entre todos de forma dinâmica, para se identificar e compreender os mecanismos sociais e culturais utilizados para segregar e discriminar e assim poderemos fazer as denúncias contra as contradições presentes no sistema.

Destarte incluir o educando com deficiência no âmbito escolar é o princípio do trabalho com a diversidade humana, pois com o amparo da lei, preparo do professor e acolhimento por parte dos alunos, creio que esse seja o caminho da construção de uma sociedade melhor, acredito estarmos quebrando mais um paradigma da exclusão, pois diante de relatos colhidos de estudantes ainda crianças, a semente da inclusão já foi plantada. Segundo [Nabeiro \(2007\)](#) que faz uma interessante relação onde a educação física regular é a terra, a educação física adaptada e suas estratégias é o adubo, e a semente é a inclusão.

Talvez a semente plantada nessas crianças sejam os frutos que colheremos agora ou apenas com o passar de muito tempo, frutos esses como amizade, solidariedade, respeito, entre outros. O

importante é que alguém se sentiu acolhido enquanto outros se sentiram muito bem acolhendo, e que os bons exemplos estão sendo transmitidos, quanto ao futuro dessas crianças não sabemos ao certo, pois a escola não é seu único ambiente vivido, mas a nossa parte, como educadores, precisa ser feita.

Referências

- ARANHA, M. S. F. Paradigma da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério do Trabalho**, ano. XI, n. 21. p.160-173, Mar. 2001.
- ARANHA, M.S.F. Educação inclusiva: transformação social ou retórica? In: OMOTE, S. (Org.). **Inclusão intenção e realidade**. Marília: Fundep, 2004.
- BLOCK, E. M. ; OBRUSNIKOVA, I. Inclusion in physical education: a review of the literature from 1995-2005. **Adapted Physical Activity Quarterly**, ano. 2007, n. 24. p. 103-124. Mês. 2007.
- BRASIL, Lei n. **9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial, Brasília: v.134, n. 248, 23 dez. 1996.
- CAMPOS, K.; TUMOLO, R.; FERROGUT, M.H.B.; VIOLA, L.; OLIVEIRA, J.R.; RODRIGUES, G.M. **O processo de inclusão nas aulas de educação no ensino fundamental da rede particular de ensino da cidade de Jundiaí, SP**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA, 06, dez 2005, Rio Claro, SP. Anais... Rio Claro, SP: Sociedade Brasileira de Atividade motora adaptada, 2005. p. 49.
- CARMO, A. A. Deficiência física: a sociedade brasileira cria, "recupera" e discrimina. Brasília: Secretaria do Desporto, 1991.
- Conteúdo escola. **Relevância da Educação Inclusiva**. Inclusão social. Disponível em <http://www.conteudoescola.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=66&Itemid=51> 2004. [Acesso em Out. 2007].
- GAIO, R.; PORTO, E. Educação física e pedagogia do movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças. In: DEMARCO, A. (org). **Educação física cultura e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.
- GHIRALDELLI JUNIOR, P. Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- GLAT, R.; FERREIRA, J.R., Panorama Nacional da Educação Inclusiva no Brasil. 2003. Disponível em<<http://www.geocities.com/Athens/Styx/9231/educacaoinclusiva.html>> [Acesso em Out. 2007].
- GUARAGNA, M.M.; PICK, R.K.; VALENTINE, N.C. **Percepção de pais e professores da influencia de um programa motor inclusivo no comportamento social de crianças portadoras e não portadoras de necessidades especiais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA, 6, dez 2005, Rio Claro, SP. Anais... Rio Claro, SP: Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, 2005.
- MAUERBEG-DECASTRO, E. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.
- MENDES, E. G. ; RODRIGUES, O. M. P. R. ; CAPELLINE, V. L. M. F. O que a comunidade quer saber sobre educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v. 9, n. 2, p. 181-194, Dez, 2003.
- MILANI, D. **Down, síndrome de: como onde, por que**. São Paulo: Livro Pronto, 2004.
- MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidade de significativo. **R. BRÁS. Ci e Mov**. 2005; 13 (4): 107-114.
- NABEIRO, M. **Inclusão escolar nos programas de educação física: estratégia para a utilização do colega tutor**. In: Simpósio Sesc de Atividades Físicas Adaptadas. Apostila. Mini-curso, 2007.
- O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular**. Ministério Público federal: Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva (organizadores) / 2ª. ed. Ver. E atualiz. – Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.
- PORTO, E.; GAIO, R. Qualidade de vida e pessoas deficientes: possibilidades de uma vida digna e satisfatória. In: Moreira, W.W. e Simões, R. (Org.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.
- PACHECO, J.; EGGERTSDÓTTIR, R.; MARINÓSSON, L. G. **Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar**. Porto Alegre, RS: Artimed, 2007.
- RICARDO, E. **A inclusão de pessoas com necessidades especiais nas aulas de educação física em instituições públicas, particulares e especiais da cidade de Barueri, SP**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA, 6 , dez 2005,

Rio Claro, SP. **Anais...** Rio Claro, SP: Sociedade Brasileira de Atividade motora adaptada, 2005. p. 81-82.

RICHINELLI, A. O fenômeno da inclusão na educação fica escolar: o discurso dos professores de Itapetininga. **Qualificação de curso de mestrado**. Universidade metodista de Piracicaba. Faculdade de ciências e saúde, Piracicaba, 2007.

SEVERINO, A.J. 1941. **Metodologia do trabalho científico**/ Antônio Joaquim Severino – 16^o. ed. rev. – São Paulo: Cortez: Autores Associados; 1990.

SILVA, C. R. A inclusão realmente ocorre na prática, em aulas de educação física? **Relatório de pesquisa**. CNPq/PIBIC, Instituto de Biociência, Departamento de Educação Física, Rio Claro, 2006.

STAINBACK, W.; STAINBACK, S. **Inclusão um guia pra educadores**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1999.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W.; EAST, K.; SHENVIN, M.S. **A inclusão e o desenvolvimento de uma auto-identidade positiva em pessoas com deficiência**. In: STAINBACK, W.; STAINBACK, S. (Org). **Inclusão um guia pra educadores**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1999.

STRULLY, L. J. ; STRULLY, C. As amizades como objetivo educacional: o que aprendemos e para onde caminhamos. In: STAINBACK, W. ;STAINBACK , S. (Org). **Inclusão um guia pra educadores**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1999.

TOLOCKA, E. R. Educação física e diversidade humana. In: DEMARCO, A. (org). **Educação física cultura e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

WINNICK, J. **Educação física e esportes adaptados**. Tradução Fernando Augusto Lopes. Barueri, SP: Manole, 2006.

Esse artigo foi apresentado no IV Seminário de Estudos em Formação Profissional no Campo da Educação Física- NEPEF, realizado em na UNESP/Rio Claro de 20 a 23 de novembro de 2008.

Endereço:

Marli Nabeiro
Av. EngºLuiz Edmundo Carrijo Coube s/n
Bauru SP Brasil
17033-360
Tel: (14) 3103 6000
e-mail: mnabeiro@fc.unesp.br

*Recebido em: 30 de setembro de 2008.
Aceito em: 1 de novembro de 2008.*



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)